

O ESVAZIAMENTO DO HOMEM MODERNO E SUAS BASES MITOLÓGICAS A PARTIR DA LEITURA DE ADORNO E HORKHEIMER

Fabio Goulart¹

RESUMO: Partindo do livro clássico para a filosofia social intitulado *Dialética do Esclarecimento* escrito na década de 1940 pelos filósofos Adorno e Horkheimer, o presente texto visa elucidar como a razão instrumental domina e reduz o sujeito moderno e suas relações ao nível de ‘coisa’. Reificado tal sujeito teria substituída e falsificada sua subjetividade natural por sua força de trabalho. Trabalho este além de alienado estaria desde os tempos de Homero entrelaçado ao mito e a dominação, fato que ajuda a desencorajar qualquer desejo de mudança e transformação frente a realidade vigente. Como hipótese a ser trabalhada o texto demonstra como para os filósofos frankfurtianos supra citados a partir da prática da filosofia crítica seria possível superar os limites impostos pela razão instrumental. Por fim, o texto reflete sobre como artifício de tal razão que busca tachar a filosofia de inútil acaba voltando-se contra si mesmo a partir da ideia de que quanto mais útil ou pragmático aos olhos do sistema um pensamento pode ser, mas pobre ele se faz para o real esclarecimento humano.

PALAVRAS-CHAVES: Razão instrumental. Homem moderno. Filosofia Crítica.

ABSTRACT: Based on the classic book for social philosophy titled *Dialektik der Aufklärung* written in the 1940s by philosophers Adorno and Horkheimer, this text aims to elucidate how instrumental reason dominates and reduces the modern subject and its relations to the level of 'thing'. Reified this subject would have replaced and falsified their natural subjectivity by its workforce. Beyond alienated, this work would intertwined with myth and domination since the days of Homer, a fact that helps to discourage any desire for change and transformation against current reality. Hypothesized to be crafted by text demonstrates how to philosophers frankfurtians cited above the practice of critical philosophy could overcome the limits imposed by instrumental reason. Finally, the text shows how the attempt to say that philosophy is useless refutes itself, because more as useful and pragmatic in the eyes of the system can be a thought, but it is poor for the real human enlightenment.

KEYWORDS: Instrumental Reason. Modern man. Critical Philosophy.

1. A CONSTRUÇÃO DO HOMEM OCIDENTAL, SEU TRABALHO E SUAS BASES FALSIFICADAS

O entrelaçamento de mito, dominação e trabalho não é de hoje, já está contido e é conservado desde as narrativas de Homero, esta é uma interessante constatação feita no livro *Dialética do Esclarecimento*. Ainda no final do primeiro capítulo e principalmente no Excurso I, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer apresentam a origem do processo de esclarecimento, que aqui chamo de *esclarecimento falsificado*. Tal origem estaria ainda no período histórico mítico. Para estes filósofos o mito é o primeiro esboço da racionalidade instrumental, uma forma primitiva de luta contra a contingência natural. Com os mitos, muito além de narrar o homem busca estabelecer uma determinada ordem conceitual. Com suas figuras explicativas o

¹ Mestrando em Filosofia na área de Ética e Filosofia Política pelo PPGFil da PUCRS sob a orientação de Dr. Agemir Bavaresco & pela Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educacion da UDELAR Uruguay; com bolsa “sandwich” da Capes no período em que estive no Uruguai e bolsa integral do CNPq enquanto estive no Brasil; Bacharel e Licenciado em Filosofia pela PUCRS. fabioigt@zipmail.com.br - <http://www.filosofiahoje.com/> (51) 9342.7886

mito aponta para a pretensão de ordenar as diferenças, pois a natureza desconhecida sempre foi encarada como uma terrível ameaça, a qual precisava ser racionalmente domesticada em conceitos para, então, tornar-se conhecida e dominada. Assim a mitologia é esclarecimento em seu estado primitivo, é o ensaio para o esclarecimento real que tanto buscamos.

Com isso podemos entender porque Adorno usa uma passagem do mito de *Ulisses contra as sereias* para fazer uma metáfora comparativa com a sociedade contemporânea. Com seu canto as sereias ameaçam os que delas se aproximam, elas fazem isso com a promessa irresistível do prazer, afinal é assim que seu canto se apresenta aos mortais como nós. Ninguém que ouve a canção delas entoada pode de seus encantos escapar. Ulisses, o herói em seu impetuoso progresso necessita encontrar uma forma de superá-las. Com sua astúcia ele toma duas atitudes: uma para ele e outra para seus comandados. Justamente nesta separação de providências aparece o entrelaçamento de mito, dominação e trabalho como é possível observar até os dias atuais. Nos mitos da Odisseia a constante autoafirmação da subjetividade de Ulisses manifesta nele o protótipo do homem burguês moderno e em seus comandados a massa de manobra.

O recurso do eu para sair vencedor das aventuras, perder-se para se conservar, é a astúcia. O navegador Ulisses logra as divindades da natureza, como depois o viajante civilizado logrará os selvagens oferecendo-lhes contas de vidro coloridas em troca de marfim.²

É necessário ir em frente, progredir sempre. Não pode-se voltar, isso seria regredir e não pode-se andar pra atrás nem se for pra ganhar impulso. Aquilo que ficou no passado assume uma nova forma mítica da qual Ulisses não pode se entregar. O herói deve olhar para frente ou sucumbirá. Claro que “naturalmente” ninguém que ouve o canto das sereias pode dele escapar, é necessário domesticar tal força. Justamente aí que a astúcia tornasse-se cega, a ignorância camufla-se sobre a pele de ímpeto, o comodismo e a lógica de dominação burra transparecem suas mais básicas estruturas.

Mas por que não se entregar às sereias e desfrutar de seu saboroso canto? Afinal, porque um herói temeria a morte? Adorno responde: “*O caminho da civilização era o da obediência e do trabalho, sob o qual a satisfação não brilha se não como mera aparência, como beleza destituída de poder.*”³ Sem falar no medo de se afundar na mais deprimente loucura, a loucura de recair à paranoia delirante de um mundo sem senhoril. Assim sendo, Ulisses transborda sua virtude, faz valer sua liderança e tapa com cera o ouvido de seus comandados, obrigando-os a remar sempre em frente, remar a toda velocidade usando até a última gota de suas energias.

² ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p. 25

³ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.18

*“Quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só o conseguirá se conseguir não ouvi-lo.”*⁴

Os companheiros comandados por Ulisses são os trabalhadores da história, a massa de manobra, a mão de obra necessária ao progresso pseudo esclarecedor, deles a civilização sempre tratou de adestrá-los para sempre olhar para a frente e esquecer tudo aquilo que foi deixado de lado, ou que deve ser esquecido no passado.

Ulisses em sua posição de senhor não pode ensurdecer-se como seus comandados, por isso torna para si a segunda alternativa. Ele amarra-se ao mastro, permanece ouvindo porém amarrado se torna impotente para sucumbir à tentação. Quanto mais a sedução cresce, mais forte ele ata o nó que lhe amarra.

Assim a embarcação segue... Ulisses amarrado não pode ser atingido pela força do canto das sereias, mas contempla-o impotente. Seus companheiros nada escutam, só sabem do perigo da canção não de sua beleza, por isso mesmo deixam seu senhor amarrado ao mastro, atado a sua própria sorte, gritando e gritando, porém sem nada poder fazer. Navegar em frente era preciso. Assim movimenta-se o sistema em sua pseudo racionalidade: Com a força do trabalho de uma massa surda e com os gritos de comandantes amarrados à embarcação.

O sistema que se reproduz e se autoconserva desde tais tempos míticos faz que tanto aquele que oprime tanto aquele que é oprimido não consigam escapar de seu papel social. O Ulisses amarrado e impotente, amarrando-se cada vez mais e mais hoje se reproduz na obstinação burguesa pelo sucesso que quanto maior se faz, mais se amarra a sua impossibilidade. No mito o poder do canto das sereias foi neutralizado da mesma forma que a ciência do pseudo esclarecimento neutraliza a natureza. A beleza e a força transformadora da música por elas entoada foram esterilizadas e reduzidas a mero objeto de contemplação, o mesmo ocorre com a arte que hoje tem seu poder de tornar o passado vivo estripado e seu poder transformador reduzido ao mais banal valor de fetiche. Os gritos de Ulisses amarrado e impotente ecoam como aplausos, da mesma forma que hoje as pessoas aplaudem babaqueadas e alienadas a um concerto, show, espetáculo ou a mais idiota programação de televisão ou internet. Por isso no mito já estão contidas as noções de patrimônio cultural e trabalho comandado. Para Adorno: *“O patrimônio cultural está em exata correlação com o trabalho comandado e ambos se baseiam na inescapável compulsão à dominação social da natureza.”*⁵

Ser excluído do mercado de trabalho nesta situação é uma forma de estar mutilado na vida em sociedade. Ao mesmo tempo os que trabalham, trabalham sobre a possibilidade de substituição sempre presente. *“A substituíbilidade é o veículo do progresso e, ao mesmo tempo, da regressão.”*⁶ O progresso fez com que a fantasia ficasse atrofiada na mente humana, nós

⁴ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.18

⁵ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.19

⁶ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.19

enquanto espécie mostramos a superioridade de nossa razão com a divisão do trabalho e a vida em sociedade, porém caímos em novas formas de horror e barbárie que seriam impensáveis na natureza. Acabamos por passar de um estado de “*liberdade natural*” para um estado de “*dominação determinada e necessária*”. Por que fizemos isso? Por conforto, controle e progresso. O problema é que “*o progresso bem-sucedido é o culpado de seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão.*”⁷ Assim sendo: Quanto mais útil ou pragmático aos olhos do sistema um pensamento pode ser, mas pobre ele se faz para o ser humano.

O espírito torna-se de fato o aparelho da dominação e do auto domínio, como sempre havia suposto erroneamente a filosofia burguesa(...)Os ouvidos moucos, que é o que sobrou aos dóceis proletários desde os tempos míticos, não superam em nada a imobilidade do senhor(...)A regressão das massas de que hoje se fala nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com suas próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas(...) Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científicas, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz.⁸

Sob tal ótica duas coisa me são cada vez mais evidentes sobre o homem moderno\contemporâneo e nossa vida em sociedade: (1) Por mais que a vida em sociedade evolua de tal maneira que nos possa sempre trazer cada vez mais conforto e segurança, quanto maior a oferta de entretenimento, maior é possibilidade de tédio, que fermentado nos leva a depressão que é como a morte em vida; (2) A coletividade nos defende, mas invés de nos juntar ela nos isola, nos torna genéricos e raquíticos, o coletivo se fortalece do enfraquecimento do individual. Estas duas máximas me parecem antigas e fatais. Por isso patologias como *individualismo* e *depressão* são sempre cada vez mais comuns.

Eis o sistema que alimenta e mutila ao mesmo tempo. Essa é a lógica fatalista de impotência e dominação que devemos questionar e lutar contra. Para Adorno a chave para tal luta seria o *pensamento crítico*, pois ele é o servo que o senhor não pode deter ao seu bel-prazer. O sistema tende a ir sempre nos apoltronado, substituindo e falsificando nossos reais desejos pois assim se fortalece e o pensamento crítico vai enfraquecendo-se na mesma medida que nos tornamos cada vez mais intelectualmente sedentários.

Rebaixados ao nível de simples objetos do sistema administrativo, que preforma todos os setores da vida moderna, inclusive a linguagem e percepção, sua degradação reflete para eles a necessidade objetiva contra a qual se creem impotentes. Na medida em que cresce a capacidade de eliminar

⁷ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.19

⁸ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.19

duradouramente toda miséria, cresce também desmesuradamente a miséria enquanto antítese da potência e da impotência.⁹

Se a geração de filósofos como Adorno, Sartre, Levinas, etc. assistiu impotente ao mundo adentrando no estado de barbárie; Minha geração assiste atônica à barbárie da impotência adentrando ao mundo. Todas as facções da sociedade contemporânea acabam por zelar, de uma forma ou de outra, pela permanência ilimitada do *status quo* que é tão falsificado quanto sua racionalidade. Assim a sociedade racional pseudo esclarecida chega à sua contradição máxima ao taxar de obsoleta a necessidade do uso da razão crítica.

O indivíduo na sociedade contemporânea, por mais “livre” que possa ser, está sempre amarrado em lutas e acordos dos quais não é livre para escapar e permanecer vivo. A submissão ao sistema é uma questão de vida ou morte e o mesmo acontece nas relações internacionais. Por mais contraditório que pareça: no mundo liberal nenhum indivíduo ou nação pode sustentar-se livre da irracionalidade oriunda da tutela exterior da maquinaria do sistema e de seu poder conflituoso.

O “conceito” nas mãos da pretensão do esclarecimento tornou-se a principal ferramenta e arma no desencantamento do mundo e no processo de esterilização da natureza. Diríamos que a verdadeira enciclopédia de conceitos que toda ciência moderna foi capaz de produzir nos possibilitou uma fantástica acumulação de conteúdo e um progresso gigantesco, porém tudo isso se deu no “mundo dos conceitos”, assim sendo a pretensão esclarecedora só não falsificou a intenção esclarecedora, como também falsificou a própria natureza.

A suspensão do conceito – não importa se isso ocorreu em nome do progresso ou da cultura, que a muito já haviam se coligado contra a verdade – abriu caminho à mentira. Esta encontra lugar num mundo que se contentava em verificar sentenças protocolares e conservava o pensamento – degradado em obra dos grandes pensadores – como uma espécie de slogan antiquado, do qual não se pode mais distinguir a verdade neutralizada como patrimônio cultural.¹⁰

2. SOB A TURVOLÊNCIA DO ESCLARECIMENTO FALSIFICADO

Para os filósofos da Escola de Frankfurt Theodor Adorno e Max Horkheimer o esclarecimento e a razão instrumental sempre andaram juntos. Em seu progresso impetuoso eles vem espalhando por nossa história o princípio de que para chegarmos ao sonhado “mundo melhor” necessitamos primeiramente dominar a força do indeterminado substituindo-o pelo cálculo preciso. A partir de tal artifício da razão instrumental o novo não pode ser tão novo a ponto de ser desconhecido, a ciência moderna exige que todo novo seja velho, no sentido de que deve ser previamente calculado, previsto, seguro e dominado. Dentro desta lógica não só a

⁹ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.20

¹⁰ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.21

natureza, mas também o mitológico foram banidos ao nível do profano. No lugar deles questões puramente consequenciais são mitologizadas e naturalizadas, por exemplo: A injustiça e a desigualdade social são ditas por muitos como sendo problemas eternos e insolucionáveis. Muitas vezes isto é dito com base em ciências e cientistas qualificados, tudo sob a segurança infalível dos números e as confiabilidade das estatísticas. Tudo exatamente como antigos curandeiros, oráculos e sacerdotes falavam sob a segurança dos deuses e das profecias.

No mundo da calculabilidade o sujeito se reduz a menos que mero objeto, se reduz a estatística. Adorno e Horkheimer escreveram que “*O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisificou as almas*” e depois seguindo com um pouco mais de profundidade argumentativa que: “*O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo próprio*”.¹¹

Sob tal *turvolência* de nossa sociedade o homem estaria reduzido a *Success or Failure*. Existiriam apenas os bem sucedidos e os fracassados. Ou você é um ou é outro. O único jeito de não fracassar é jogando. A razão instrumental faz o possível para mostra seu padrão, reproduzir sua assemelhação e garantir sua autoconservação: da sala de aula aos sindicatos, da filosofia ao crime organizado, das igrejas às redes sociais, nada pode escapar de seu calculado planejamento. “*As inúmeras agências de produção em massa e da cultura por ela criada servem para incluir no indivíduo os comportamentos normalizados como únicos naturais, decentes e racionais*”.¹² A razão instrumental é quem guia o sistema que rege o mundo moderno, é quem dita as regras da dialética do esclarecimento e consequentemente da história da humanidade. Gostaria de deixar claro que quando uso aqui a palavra “sistema” não estou me referindo a nenhuma instituição da sociedade ordenada, nem mesmo a uma supra instituição controladora como alguns gostam de pensar, falo de uma força controladora que emerge da relação coexistencial, dos atritos e imposições de poder entre sujeitos, instituições públicas e privadas nas mais diversas esferas da sociedade.

O quadro pintado até aqui neste estudo pode ser exagerado, mas de fato a situação é horrível e é apenas a superfície da questão mesma. A violência que sofremos por viver sob tal *turvolência* vai muito além de mera manipulação externa, ela nos deixa impotentes frente aos ‘nossos fantasmas’.

Do esclarecimento proposto por Kant e demais iluministas nos restou apenas uma falsificação grotesca e na dialética deste esclarecimento falsificado a frase de Spinoza: “*O esforço para conservar a si mesmo é o primeiro e único fundamento da virtude*”¹³ estaria

¹¹ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.16

¹² ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.16

¹³ *apud.* ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.16

contida a verdadeira máxima de toda a civilização ocidental. Sob ela se arquiteta a dominação burguesa e muito mais.

O trabalho social de todo indivíduo está mediatizado pelo princípio do eu na economia burguesa.” (...) Quanto mais o processo da auto conservação é assegurado pela divisão burguesa do trabalho, tanto mais ele força a auto-alienação dos indivíduos, que têm que se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica.¹⁴

A sociedade pseudo esclarecida suprime até a última reminiscência do sujeito, substituindo-o e falsificando sua subjetividade natural por sua força de trabalho. Toda subjetividade natural se dilui nas “regras” do jogo da razão instrumental e assim o positivismo se entranha nos neurônios para garantir que a última instância intermediária entre ação individual e norma social seja totalmente eliminada. Diluído num processo técnico o sujeito reificado é livre do pensamento e medo mítico, ele fica confortavelmente seguro, mas fica alienado mesmo em uma era de superinformação como vivemos hoje, tem sua consciência eliminada, sua vida e seu mundo perdem sentido e significado, ele “*torna-se um mero adminículo da aparelhagem econômica que tudo engloba.*”¹⁵ Ele torna-se mera peça do sistema, sendo jogado de um lado para outro como uma ‘bola sete’ em uma mesa de sinuca. Por mais que a mídia, o governo e outras instituições se esforcem em tentar convencer os indivíduos que tudo isso é normal, é impossível passar por este ‘horror nosso de cada dia’ sem sofrimento. A razão instrumental nos aliena e reifica, mas não elimina nossos sentimentos, porém ela não os deixa impune, para que os indivíduos educados em sua lógica se esforcem em ignorar o que sentem, ela rebaixa de maneira emblemática tudo aquilo que sentem à patologias psicológicas ou sociais, resquícios primitivos que devem ser superados pra o progresso necessário.

A aparelhagem econômica seria para Adorno o “instrumento universal” do sistema, a peça que serve para a fabricação de todos outros instrumentos. Teria ela a “poção reificadora”. Trata-se de um aparelhagem assassina. Sua manipulação é calculada com exatidão, mas seus resultados transcendem sua racionalidade. Por isso me atrevo a dizer que a razão objetiva não consegue atingir sua pretensão maior, afinal: carrega ainda dentro de si elementos irracionais, elementos estes que são indispensáveis para sua autoconservação e replicação. O caráter coercitivo necessário para manter tal autoconservação e replicação coloca os homens num jogo de vida ou morte que não pode ser chamado de racional ou razoável. Se jogar: pode até vencer, mas se não jogar...

Impõe-se assim a falácia de que entre proposições contraditórias só uma pode ser verdadeira e a outra será falsa. Eis a *falácia do falso dilema* que se impõe sobre todos nós, mas por que não posso ficar com as duas alternativas? Por que não posso simplesmente abandona-las e fazer tudo de outra forma? Porque isso seria uma afronta ao formalismo e autoconservação

¹⁴ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.16

¹⁵ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.17

impostos pela razão instrumental. Ao indivíduo é dada toda liberdade de escolha, mas não lhe é permitido criar as próprias alternativas.

O esvaziamento dos indivíduos se espalha das salas de aulas aos escritórios, criando e mantendo tabus e rituais que não podem, não devem ou não necessitam serem questionados. Desta forma acabamos por naturalizar nossos mitos, algo que nem a mais antiga das religiões se arriscou a fazer. O ser humano se banalizou. *“O eu integralmente capturado pela civilização se reduz a um elemento dessa inumanidade à qual a civilização desde o início procurou escapar.”*

16

Como resultado desta *im-postura* deste esclarecimento falsificado a vida em estado natural, ou qualquer alusão à ela tornou-se um perigo absoluto. Devemos aprender a vencer, não a questionar. Todo pensamento que transcenda as estruturas sistemáticas do pragmatismo calculado é acusado de mimético, mítico ou metafísico, por isso mesmo deve ser encarado com desprezo, afinal trata-se de um pensamento superado. Brota daí mais uma máxima do pseudo esclarecimento: Sob aquilo que não podemos controlar, não devemos nos dedicar.

Os extremos são odiados por este esclarecimento, eles estão demasiadamente próximos do limite do controle para serem tolerados. O caminho do meio surge como o limite imposto pelo sistema para o indivíduo comum que almeja o sucesso. A palavra “impossível” nunca teve tanta força quanto hoje detêm. De “impossível” são chamados todos os sonhos que a sobra dos indivíduos pode sonhar. Creio que os “sonhos impossíveis” nada mais são do que um impulso de retorno a natureza na tentativa de superar a dominação que se impõe na vida na sociedade administrada, por isso o esclarecimento falsificado faz questão de subjuga-los até que se tornem ridículos frente aos olhos das massas, assassinando-os antes que possam se tornar realidade.

Restam apenas os sonhos que sobrevivam a imposição autoconservatória se submetendo a ela. Fomos educados e escravizamos nossa razão para isso. Para este comportamento onde o novo só é permitido quando previamente calculado e autorizado damos o nome de “bom senso”. Infelizmente o “bom senso” tem a força não somente de um princípio moral, mas também de um princípio norteador para toda nossa produção intelectual: Nem mesmo a ciência e filosofia escapam deste jogo.

Por fim é preciso ter em mente que a razão instrumental, embora pretenda, jamais consome a realidade. Sempre há pontos de fuga que nos permitem desmascarar a falsidade da sociedade administrada buscando o real que está muito além do que aquilo que nos chega aos sentidos. A realidade entranhasse na superestrutura que só pode ser atingida pela crítica. Tal superestrutura esconde toda irracionalidade da razão que se diz esclarecida. Claro que para razão instrumental o ato tentar penetrar na superestrutura é igual ao ato de profanar os antigos deuses nas culturas primitivas. Por isso ela vê como necessário o assassinato de toda filosofia crítica para garantir a replicação e autoconservação da máquina. Diferentemente das ciências e

¹⁶ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947, p.17

de seus objetos, a filosofia pode desbalizar aquilo que banalizamos, julgo que essa é sua grande ameaça. Por isso acredito que não há inocência neste ponto: Os que afirmam que a filosofia está morta afirmam isso com o mais profundo desejo de que ela realmente morra e seja esquecida.

O pensamento filosófico causa desconfiança na razão ingênua ou instrumental – e muito mais na razão ideológica das verdades petrificadas -, aquela que, travestida de filosofia, desvia a atenção filosófica para âmbitos menos perigosos a uma determinada estrutura intelectual de sustentação hegemônica. E se o pensamento filosófico não causar essa desconfiança, ele não existe como tal, mas como caricatura perversa de si mesmo.¹⁷

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Julgo que a razão calculista instrumental é estática. Ela não possui um elemento que lhe possa dar movimento, por isso o sistema para manter-se, movimentar-se e fortalecer-se necessitaria de uma irracionalidade que não pode ser calculada, um elemento totalmente mítico. Somo nós que ao naturalizar nossas invenções e convenções damos tal elemento movedor das engrenagens da máquina na qual entregamos nossa tutela. Com medo de tornarem-se relativas as pessoas vão lentamente migrando para posições dogmáticas até o ponto em que se julgam esclarecidas e tornam-se incapazes de receber os dados que não lhe interessam, mesmo que tais dados sejam claros e evidentes. Desta maneira pode-se dizer que a infraestrutura social que vemos não abrange toda realidade.

Com base nos filósofos de Frankfurt aqui citados: mito, dominação e trabalho permanecem entrelaçados como nos longínquos tempos de Homero. A pretensão da razão instrumental de dominar a natureza abdicou o real esclarecimento, porém dentro do pensamento deles nem tudo está perdido, pois *a partir do pensamento filosófico crítico* podemos transpor a turvolência da razão instrumental. Assim sendo temos que ter em mente que quanto mais útil ou pragmático aos olhos do sistema um pensamento pode ser, mas pobre ele se faz para o real esclarecimento humano, desta maneira o artifício da razão instrumental de tachar a filosofia de inútil acaba voltando-se contra tal razão ardilosa. Pois a filosofia, que é necessariamente crítica, nos faz pensar diferente, nos apresenta novos horizontes, ela permite começarmos a não replicar a ordem vigente. Ao contrário da razão instrumental que tudo pretende saber, a filosofia nos faz lidar com o desconhecido, com o enigmático. A partir disso nasce o saber crítico, ao percebermos nossa ignorância e fragilidade diante das coisas do mundo.

Sendo assim, a prática da filosofia, ou filosofia prática, revela sua “utilidade” justamente por ser “inútil” à razão instrumental. Tal como a arte verdadeira, a filosofia crítica nos leva a romper com as verdades e certezas que nos foram ensinadas, criando novas

¹⁷ SOUZA, R. T. *Razões plurais itinerários da racionalidade ética no século XX : Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.115

perspectivas que podem “mudar o mundo”. Definitivamente, com a filosofia crítica nos libertamos dos diversos cárceres razão instrumental, fugimos da obviedade e podemos chegar mais próximo do abalo superestrutural que necessitamos para vivermos num mundo de menos opressão e sofrimento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. Disponível em: http://www.nre.seed.pr.gov.br/umuarama/arquivos/File/educ_esp/fil_dialetica_esclarec.pdf Acesso em 01 de Novembro de 2013.

FREITAS, V. *Para uma dialética da alteridade: a constituição mimética do sujeito, da razão e do tempo em Theodor Adorno*. 2001. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas). Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2001. Edição revista em 2006.

HOMERO. *Odisséia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PERIUS, O. *Esclarecimento e Dialética Negativa: Sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno*. Passo Fundo: IFIBE 2008.

PUCCI, B.; OLIVEIRA N. R.; ZUIN, A. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, R. T. *Razões plurais itinerários da racionalidade ética no século XX : Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TIBURI, M. *Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor Adorno*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

VALLS, A. Adorno e “Ulisses ou Mito e Esclarecimento”. In: TIBURI, M.; DUARTE, R. (Orgs.). *Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento*. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 27-42.